



## **MS06: Três propostas metodológicas de pesquisa com História Oral: diferentes caminhos analíticos**

### **Hermenêutica de Profundidade: aporte teórico-metodológico para narrativas.**

#### **Hermeneutics of the Depth: theoretical-methodological contribution for narratives.**

*Kátia Guerchi Gonzales<sup>1</sup>*

#### **Resumo**

Neste texto apresentamos uma investigação em que analisamos os movimentos de criação e desenvolvimento das Licenciaturas Parceladas que habilitavam professores para ensinar Matemática no estado de Mato Grosso do Sul, mobilizando a História Oral (HO) juntamente com a Hermenêutica de Profundidade (HP), como aporte teórico-metodológico. Desta forma, tratamos – mais especificamente para esse texto – do modo como procedemos com as análises, explicitando para o leitor, como o caminhar da pesquisa e o amadurecimento científico do pesquisador, fomentou discussões e permitiu a constituição do trabalho analítico. Finalizamos apresentando e discutindo um exemplo da nossa própria pesquisa em que o conceito de ideologia, proposta na HP, fica evidente e, segundo nosso ponto de vista, contribui, tornando esse aporte teórico-metodológico uma possibilidade para a análise de narrativas na/para a História da Educação Matemática.

**Palavras-chave:** Licenciaturas Parceladas; Formação de Professores de Matemática; Análise; Metodologia de Pesquisa.

#### **Introdução**

Diante dessa pesquisadora, uma educadora matemática que desde que se aproximou da carreira acadêmica busca fazer pesquisas em História da Educação Matemática, havia vários instrumentos que lhe permitiam contar uma ou várias histórias. Pelo escritório um grande arsenal de objetos, textos, livros pareciam se cruzar. Os olhos não se despregavam desses traços deixados no presente por um passado que já não existe, seja por segundos, minutos, anos ou décadas. Refletia,

<sup>1</sup> Doutora em Educação para a Ciência pela UNESP de Bauru. Docente da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS – Nova Andradina) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Uniderp – Anhanguera. Brasil. Email: profkatiaguerchi@gmail.com.

estudava, falava sobre o que via naqueles escritos, teses e livros. Focava naquilo que tinha para constituir uma narrativa sobre um tema de um tempo que não vivi.

Precisava contar uma história. Mas como? Minha preocupação não era com a história verdadeira – até mesmo porque para o grupo<sup>2</sup> a que pertencço e para mim mesmo, a verdade é “algo” que atribuímos às coisas. O que procurava, naquele momento, incansavelmente era a plausibilidade. Mais que isso, procurava escrever e contar além do que já conhecia em termos metodológicos. Isso devido as pesquisas realizadas por mim, anteriormente, que permitiram que eu constatasse uma limitação no que diz respeito a alguns recursos metodológicos e, deste modo, para essa pesquisa – que segue explícita neste texto -, para essa história, procurava me apropriar de instrumentos distintos dos que eu já conhecia e que seriam fundamentais para atender meu objetivo: falar com e falar a partir daqueles que vivenciaram um determinado acontecimento.

Inicialmente, a partir da minha formação acadêmica, eu acreditava<sup>3</sup>, que o trabalho do pesquisador pautava-se em selecionar fontes e métodos que julgar pertinentes, procurando pautar-se pela melhor escolha de acordo com as necessidades peculiares de seu tema e de seus interlocutores. Tudo influencia nas escolhas do estudioso em seu posicionamento; todas as causas e efeitos, a continuidade e as discontinuidades se conjugam para a compreensão dos acontecimentos que narra.

Com essa noção sobre fazer pesquisa, entendia que a questão que inquieta o pesquisador o leva a outras questões como, por exemplo, sobre os recursos metodológicos que já fazem parte do processo de pesquisa, e também sobre sua concepção de pesquisa em sua área.

Nesse sentido, esse texto, tem a intenção de deixar explícito para o leitor a forma como eu, enquanto pesquisadora, fui me apropriando de alguns conceitos

---

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), criado em 2002.

<sup>3</sup> É importante ressaltar que no decorrer do texto há alguns posicionamentos que oscilam, entre uma perspectiva e outra, devido à minha formação anterior e ao modo como fui me constituindo como pesquisadora nesses últimos anos. São exemplos:

posição uma: considero que o trabalho do pesquisador é selecionar fontes e métodos, pautando-se pela melhor escolha.

posição outra: nos propomos a problematizar a Hermenêutica de Profundidade como possibilidade metodológica para esta pesquisa.

posição uma: explicitamos que causas e efeitos ajudam na compreensão dos acontecimentos narrados pelo pesquisador.

Posição outra e uma: não há uma metodologia a ser seguida rigorosamente, assim o historiador escolherá um método de acordo com os problemas e as circunstâncias.

No entanto, não temos a intenção de apagar essas diferentes perspectivas, mas sim, ressaltar que tais pensamentos foram debatidos e discutidos no decorrer da pesquisa. Assim, configuramos uma perspectiva única, apresentada no texto que segue conforme fui me apropriando das teorias e me inspirando nas metodologias.

durante meus momentos de formação. Desse modo, por vezes é possível notar o discurso se modificando, e até mesmo oscilando, uma vez, que, somos atravessados por distintos discursos e são esses atravessamentos que nos constituem.

Não temos<sup>4</sup> a intenção que o percurso aqui descrito seja tomado por outros pesquisadores como “o” caminho a seguir, mas sim, como um dos vários possíveis caminhos que se pode percorrer. Além disso, temos o propósito de ressaltar que assim como Garnica (2001), não compartilhamos da ideia de uma “regulamentação”<sup>5</sup> mas, sim da necessidade de uma “regulação”, e isso, para qualquer pesquisa qualitativa. Dessa forma, partimos da ideia de que: “A pesquisa é um meio fluido, vibrante, vivo e, portanto, impossível de prender-se por parâmetros fixos, similares à legislação, às normas, às ações formalmente pré-fixadas” (Garnica, 2001, p. 42).

Regular, então, é elaborar argumentos que fundamentem os modos de agir para que a pesquisa aconteça. O que nos faz desenvolver nossas ações e que nos conduzem a compreensões é a nossa própria vivência no mundo, uma vez que possibilita aflorar inquietações e insatisfações sobre o nosso cotidiano. Como esse próprio ciclo é ilimitado e constante, também devem ser nossas ações – não já determinadas, pré-fixadas, ou restritas – assim, terão flexibilidade para proporcionar outras visões e aspectos, permitindo, segundo Garnica (2001), diversas interpretações.

De acordo com Goldenberg (2003, p.45), “a simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa”. A autora alerta ainda que para obter uma boa resposta é necessário que se faça uma boa pergunta, sendo primordial a elaboração de um problema específico que possa ser investigado por processos científicos. Para isso, salienta ser fundamental tornar o objeto de estudo explícito e concreto por meio da imersão sistemática no assunto. Sabemos que a imersão é um processo gradual e permeia todo o desenvolvimento da pesquisa.

Com esse pensamento, é que nós, por meio da História Oral - que permite que as versões sejam elaboradas a partir de experiências narradas - atrelada a

---

<sup>4</sup> Passamos a utilizar a primeira pessoa do plural, pois percebemos ao longo do caminhar da pesquisa que a nossa inquietação enquanto pesquisador que está inserido em um grupo, em uma comunidade, torna-se coletiva, de modo que o trabalho acontece coletivamente, já que, ao produzirmos conhecimentos, interpretações e compreensões, estamos contaminados com vários outros discursos, principalmente daqueles que compartilham metodologias, temáticas e princípios comuns.

<sup>5</sup> Para Garnica (2001), tem-se que:

“Regular” diz do sujeitar a regras, dirigir, reger, estabelecer e facilitar por meio de disposições. “Regulamentar” fala da sujeição a regulamentos. Sendo intencional, visando a uma finalidade, a pesquisa – como qualquer outra esfera da vida humana – pede por critérios que, direcionando as ações que buscam alcançar objetivos organize e ordene – ao menos minimamente – o caótico (Garnica, 2001, p. 38).

Hermenêutica de Profundidade - que permite atribuir sentido para as formas simbólicas, possibilitando que várias interpretações sejam constituídas - estudamos a constituição e o desenvolvimento das Licenciaturas Parceladas<sup>6</sup> no estado do Mato Grosso do Sul, sobretudo a partir dos pontos de vista dos significados de quem as vivenciaram.

## A História Oral e a Hermenêutica

Esse texto é um recorte do trabalho de doutorado que foi desenvolvido segundo as perspectivas da História Oral, inscrito no Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Dentro desse grupo, existe um projeto maior que tem por finalidade compreender, do ponto de vista historiográfico, o movimento de formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil.

As pesquisas, desenvolvidas pelo Ghoem, que fazem parte dessa tentativa de Mapeamento, via-de-regra, laçam mão da História Oral (HO) como metodologia principal. No entanto, não apenas a HO é mobilizada nas pesquisas que o grupo tem desenvolvido, sendo a Hermenêutica de Profundidade (HP), outra perspectiva teórico-metodológica, bem comum nos trabalhos do Ghoem. Tais metodologias, a HO e a HP, dialogam, porém, em estudos anteriores a este, eram trabalhadas em pesquisas distintas, sendo aplicadas separadamente. Nesse trabalho há uma primeira tentativa em combinar essas duas perspectivas, e o trabalho sobre as Licenciaturas Parceladas foi desenvolvido segundo essa interpretação.

Mesmo existindo muitas formas de se trabalhar com entrevistas em pesquisas qualitativas, a História Oral, metodologia que o grupo lança mão, difere-se das demais por conceber a entrevista como alicerce, uma vez que ao ser mobilizada em trabalhos de natureza historiográfica, tem a intenção de criar uma trama narrativa a partir das narrativas constituídas por meio da oralidade em situações de interlocuções. Para o pesquisador que trabalha com essa metodologia o registro de memórias de colaboradores que vivenciaram certas situações e tem proximidade com um determinado tema é tida como imprescindível. Todavia, vale observar que não há intenção de negligenciar outras tantas fontes, ao contrário, visa elaborar uma narrativa - partindo das fontes orais - cotejando as mais diversificadas fontes sobre o tema, compondo uma narrativa plausível. Essa metodologia, trabalha com narrativas, que podem ser histórias de vida<sup>7</sup> ou temáticas, compostas a partir de entrevistas. Implica, no entanto, com a necessidade de mapear e contatar depoentes, elaborar e realizar entrevistas, transcrevê-las e textualizá-las. Depois das narrativas produzidas e registradas em textos a partir das fontes orais, tem-se o momento de obter cartas de cessão dos colaboradores - momento em que o colaborador legitima o texto produzido a partir da entrevista - e, por fim, a análise das narrativas (Baraldi, 2003; Garnica, 2001; Souza, 2006; Martins-Salandim, 2012).

---

<sup>6</sup> As Licenciaturas Parceladas eram cursos de caráter emergencial que visavam à formação em serviço, tendo como característica principal a formação aligeirada e em etapas/parcelas, como se verá mais especificamente, ainda neste texto.

<sup>7</sup> Na História de Vida o colaborador revela suas experiências e vivências em todos os aspectos, como um todo. Já na História Oral temática o colaborador apresenta também suas experiências e vivências, mas a partir de um aspecto que geralmente é determinado pelo entrevistador/pesquisador.

Seguindo as disposições da História Oral, esta pesquisa, sobre as Licenciaturas Parceladas, teve como ponto de partida 14 entrevistas<sup>8</sup> com administradores, coordenadores, professores, idealizadores e ex-alunos dessa modalidade de formação nos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.

Para nós, assim como para Garnica (2014, p.52-53), as pesquisas desenvolvidas nessa perspectiva constituem as narrativas que “são matérias-primas por excelência de todo o processo hermenêutico [...] veículos para expressão de subjetividades, recursos para a manifestação de memórias (passadas e presentes) e vetores para compreender a experiência vivida”.

Por esse mesmo prisma, a partir da experiência vivenciada sobre determinado tema, podemos dizer que:

As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retro-alimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo (Cury, 2011, p. 160).

Em consonância com o pensamento de Ricoeur (1998 apud Grossi e Ferreira, 2001 ,p. 34), temos que tudo que o sujeito nos narra sempre será vida – já que a história sempre captura os homens por meio dos acontecimentos e os acontecimentos por meio dos homens –, mas a vida nela mesma não forma em si uma totalidade de sentido. Porém, são as inserções, os contextos, outros personagens e acontecimentos que auxiliam a totalização da vida pela narração. Sendo assim, o sentido do tempo vivido é sempre uma interpretação, nunca um dado imediato.

Com esteio nessas ideias, a análise ocorre a todo momento, desse quando se inicia a pesquisa, questionando, procurando fontes, encontrando colaboradores. Mas, existem momentos em que os movimentos analíticos ficam mais evidentes, seja na narrativa materializada por meio da textualização, ou, na constituição de interpretações por meio de um texto sobre toda a investigação. Visto desse modo, podemos dizer que os momentos de análise tem por finalidade articular compreensões sobre o que se busca entender.

Uma perspectiva teórico-metodológica que se volta à interpretação de formas simbólicas, é a Hermenêutica de Profundidade<sup>9</sup>. Formas simbólicas são

---

<sup>8</sup> As entrevistas foram realizadas com os professores Carlos Henrique Patusco, Masao Uetanabaro, Sérgio Delvízio Freire, Luiz Carlos Pais, José Luiz Magalhães de Freitas, Sidnei Azevedo de Souza, Edmir Ribeiro Terra e Celso Correia de Souza, com o coordenador Antônio Lino Rodrigues de Sá, com a secretária Maria Luiza da Silva Correa e com o ex-aluno Antônio Enes Nonato. Os idealizadores das propostas das Licenciaturas Parceladas Gilberto Luiz Alves e Antônio Carlos do Nascimento Osório, também foram colaboradores desta pesquisa.

<sup>9</sup> Além do contato com a HP por meio dos estudos no grupo, uma das disciplinas da pós-graduação em Educação para a Ciência, intitulada **Narrativas como fontes para a pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: metodologias de pesquisa, análise crítica, fundamentos e procedimentos**; possibilitou além de discussões a partir do ponto de vista teórico-filosófico de metodologias que têm as narrativas como base para investigações, também, o aprofundamento

elaborações humanas intencionais, presentes em determinados espaços e tempos e que, suas produções e propagações, criam e permitem funcionar relações assimétricas de poder. Assim, é objetivo da HP, proposta por John Thompson, sociólogo inglês, compreender as ideologias que envolvem as formas simbólicas.

De acordo com Bicudo (1993), a hermenêutica envolve a compreensão do significado das coisas produzidas pelo homem ou, como ela mesma assevera, da obra humana (esculturas, poesias, textos literários e/ou científicos, entre outras coisas); que tais significados estão profundamente consolidados na existência e, por isso, devemos estar “atentos ao encontro histórico que apela para a experiência pessoal, para as forças sociais e da tradição, presentes no dizer público” (Bicudo, 1993, p.64). Ressalta ainda que tanto a compreensão como a interpretação não devem ser conceitos que se restringem à representação de uma realidade. Para ela, eles são bem mais que isso, abrangem as dimensões mais profundas das formas do homem experimentar o mundo e de expressar-se nele, seja por mitos, metáforas ou símbolos. Desse modo, os símbolos que manifestam a linguagem estão carregados de intencionalidade e que, ao buscar desvelar tais intenções, por meio de uma hermenêutica, compreendem-se alguns dos possíveis significados.

Segundo Bicudo (1993), o trabalho de interpretar ocorre sempre dentro do círculo existencial/hermenêutico:

[...] a existência humana acontece em um círculo existencial-hermenêutico, o que quer dizer que o ser humano não existe de modo abstrato, descontextualizado social e historicamente; quer dizer que ele é sempre no mundo, onde já está sempre compreendendo/interpretando o real que o circunda e do qual partilha, fabricando-o. Esse é o seu pré-dado. Portanto, compreensão e interpretação não são vazias de perspectivas já expressas sobre a realidade: são veiculadas e mantidas pela tradição por meio da linguagem e das relações sociais; são modificadas pelas poíesis e pelas forças conflitantes que se formam no jogo dos interesses sociais e que se materializam nas estruturas do sistema social (Bicudo, 1993, p.65).

Entendemos, assim, que a interpretação é construída na experiência vivida pelo sujeito que interpreta a sua própria experiência e que o sujeito se conhece de maneira indireta, por meio de suas ações que são contextualizadas social e historicamente, e são mantidas e propagadas pela tradição. Ao mesmo tempo em que a hermenêutica permite que o sujeito, que é intérprete, compreenda o mundo em que ele está inserido, ele também passa a se compreender como parte daquele mundo que ele compreende e, compreendendo, cria.

É perfeitamente plausível a hipótese de que se a Hermenêutica é uma forma de interpretar a linguagem; e a História Oral é utilizada em pesquisas qualitativas, a Hermenêutica pode ser utilizada para analisar depoimentos. É nesse sentido que surge a possibilidade de trabalhar HP e HO juntas. As narrativas, criadas por meio da HO, são entendidas nesse contexto como formas simbólicas, assim como as legislações, as obras de arte, os livros etc. Nesse sentido, as textualizações podem ser interpretadas/analizadas segundo os princípios da HP.

Thompson (2011) apresenta-nos três fases principais da HP que ocorrem,

---

teórico da HP, ajudando, a subsidiar uma abordagem qualitativa para o estudo das Licenciaturas Parceladas.

segundo o autor, simultaneamente, sendo mutuamente interdependentes e complementares, pois são dimensões analíticas intrínsecas de um movimento interpretativo complexo: a análise sócio-histórica, a análise formal e a interpretação/reinterpretação<sup>10</sup>. Além disso, ao tomar algo como forma simbólica, cinco aspectos, segundo Thompson (2011) precisam ser observados: aspecto intencional, aspecto convencional, aspecto estrutural, aspecto referencial e aspecto contextual.

Na verdade, a explicitação de um determinado tema como forma simbólica não é um exercício simples, de meramente associar à pretensa forma as características sugeridas por John Thompson. Na verdade, é exatamente o exame hermenêutico que fará com que se constate que a forma simbólica é, efetivamente, uma forma simbólica.

Nessa pesquisa, como já destacamos, 14 entrevistas foram realizadas e conseqüentemente 14 narrativas foram criadas, vistas então como formas simbólicas, teríamos que fazer uma HP de cada uma delas, resgatando, assim, particularidades do aspecto contextual que envolvem singularidades do contexto de produção de cada entrevista e do contexto e particularidade de cada tempo e espaço do qual fazem e fizeram parte os depoentes, bem como, dos temas que eles tratam em seus depoimentos.

Por esse motivo, para esta pesquisa, reinterpretamos: nossa forma simbólica é o que se busca entender: as Licenciaturas Parceladas em Mato Grosso do Sul. Para compreender essa forma simbólica recorreremos a outras formas simbólicas: as entrevistas, documentações e bibliografias pertinentes.

Dito isso, a seqüência deste artigo passa a tratar do desenvolvimento dessa pesquisa e da constituição particular da metodologia de pesquisa aqui apresentada.

## **A pesquisa e seu desenvolvimento**

Essa pesquisa, como já mencionamos, trata da formação de professores de Matemática nos cursos denominados de Licenciaturas Parceladas em Mato Grosso do Sul. Fizemos, então, dois recortes na história da educação superior desse estado e fixamos como período de análise os dois momentos de implantação e desenvolvimento deste modelo de formação. Ocorre que esses cursos foram constituídos em épocas distintas, um deles na década de 1970 – antes do desmembramento do estado de Mato Grosso -, o outro na década de 1990 – após o desmembramento do estado de Mato Grosso. Nossas inquietações, então, passam pela busca de compreensão sobre como a formação de professores de Matemática deu-se, em modelos não convencionais, em um estado a beira da divisão e, em outro momento, em um estado “novo”. Esses recortes foram delimitados em meio ao próprio movimento da pesquisa, quando nos perguntávamos: por qual motivo e em que condições foram implantados esses cursos? Qual seu público? Quais as práticas de ensino da Matemática? Quem eram os professores?

Especificamente, neste trabalho, após definidos de maneira geral os princípios que norteariam o desenrolar da investigação e enquanto estudávamos a

---

<sup>10</sup> Devido a limitação desse texto alguns conceitos não são aprofundados, para entender mais sobre cada uma dessas fases ou dimensões, sugerimos a leitura de Thompson (2011).

potencialidade de atrelar a Hermenêutica de Profundidade às narrativas que seriam por nós constituídas, lançamo-nos à procura de colaboradores, pessoas que vivenciaram de algum modo o movimento de constituição e desenvolvimento daqueles cursos. Seleccionamos, então, um primeiro nome do qual tivemos conhecimento devido as leituras prévias realizadas para a elaboração do projeto desta pesquisa. Um desses textos intitulado As Licenciaturas Parceladas de Curta Duração dentro de uma política de formação de recursos humanos, do autor Gilberto Luiz Alves, nos sugeriu esse primeiro contato com o autor, o que foi feito por e-mail. Posteriormente, por telefone, acertamos os detalhes da entrevista e partimos para a elaboração do roteiro. Quando da organização do roteiro, pensamos em perguntas repletas de intencionalidade, visando levar os colaboradores a falarem sobre suas experiências acerca das Licenciaturas Parceladas. Contudo, em todas as entrevistas as conversas se iniciaram com a apresentação pessoal e profissional de cada um, vindo à tona elementos da infância, ou da juventude, e até mesmo sobre mudanças que aconteceram em suas vidas, o que permitiu o entrevistador conhecer um pouco mais sobre o entrevistado. Como optamos por questões abertas, o colaborador teve a liberdade de comentar vários assuntos que achava pertinente, e o entrevistador de fazer intervenções sempre que necessárias. Para a organização das entrevistas com os colaboradores, enviamos previamente, por e-mail, juntamente ao roteiro da entrevista, uma breve apresentação da pesquisa, ressaltando nossos interesses e os objetivos. Ao finalizar a entrevista, perguntávamos para os entrevistados sobre outras pessoas que participaram das Parceladas e, assim, a partir da primeira entrevista com o professor Gilberto Luiz Alves, todos os nossos colaboradores foram indicados pelos anteriores, com o que se aplicou efetivamente o critério de rede<sup>11</sup>.

Da entrevista com o professor Gilberto Luiz Alves – em sua sala na Uniderp<sup>12</sup> - resultaram não só compreensões sobre a implantação e o desenvolvimento das Licenciaturas Parceladas, mas também elementos do contexto que nos permitiram entender o motivo pelo qual aquele modo de formação específico foi, segundo ele, colocado em prática naquele lugar. Ao final da entrevista, Gilberto Luiz Alves nos indicou, entre alguns nomes, o de Carlos Henrique Patusco, engenheiro que lecionou Matemática e Física na Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) e atuou nas Licenciaturas Parceladas.

As quatorze entrevistas que realizamos aconteceram de meados de 2013 a 2015. Foram gravadas em equipamento digital – gravador e aparelho celular -, favorecendo o manuseio dos arquivos para a próxima etapa, a transcrição e a textualização. Todos os colaboradores foram prestativos, atenciosos e abriram as portas de suas casas e do seu ambiente de trabalho para contribuir conosco, lembrando suas atuações profissionais e parte das suas vidas. Alguns, além da própria gravação, contribuíram com outros documentos, como no caso do professor Gilberto Luiz Alves, que nos forneceu o projeto das Licenciaturas Parceladas da

---

<sup>11</sup> Na História Oral, o critério de rede é quando um colaborador indica o próximo a ser entrevistado.

<sup>12</sup> A Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), passou a denominar-se Universidade Anhanguera-Uniderp a partir da Portaria SESu nº 879 em 18 de novembro de 2008. Deste modo, passou a ter a Anhanguera Educacional S.A. como sua entidade mantenedora.

década de 1970; de Antônio Enes Nonato, que nos cedeu fotografias, nomes de livros, histórico escolar e do professor Antônio Lino Rodrigues, que, além do projeto das Licenciaturas Parceladas da década de 1990, nos cedeu, entre vários outros documentos, anotações suas sobre esse modo de formação.

A transcrição e a textualização das entrevistas foram devolvidas aos entrevistados para a conferência possibilitando que eles acrescentassem ou censurassem o que foi dito e, assim, quando necessário, uma nova textualização foi constituída. Ainda nesta etapa, várias repetições e/ou vícios de linguagem foram suprimidos, além da reordenação do texto com o intuito de deixá-lo tematicamente organizado. Também foram incorporadas ao texto algumas notas de rodapé com a finalidade de complementar informações. Todo esse cuidado foi tomado uma vez que cada uma das textualizações produzidas por nós com os nossos colaboradores são fontes historiográficas.

Depois dos acertos combinados, os colaboradores autorizaram formalmente – por meio de um carta de cessão – a utilização dos registros orais e de suas textualizações para fins acadêmicos.

Ao término dessas etapas passamos a nos dedicar ao arremate das análises, mesmo sabendo que a análise inicia-se no momento em que definimos o tema e o objetivo do nosso trabalho. Foi a partir das constituições intencionais dessas fontes historiográficas, porém, que intensificamos nosso trabalho com a análise. Podemos, assim, fazer uma analogia do nosso trabalho com o que Michael de Certeau (2002) considera como gestos essenciais do historiador para uma escrita da história que, segundo esse autor, não vem separada do presente, mas que busca entender o presente pelos traços deixados no passado: separar, reunir e transformar. O primeiro gesto estaria relacionado, em nosso entendimento, à separação/seleção dos colaboradores desta pesquisa e todas as fontes disponibilizadas e encontradas, essenciais para a pesquisa. O segundo gesto, ao nosso ver, implica reunir todos esses elementos, o que, na visão de Marc Bloch (2001) é uma das tarefas mais difíceis para o historiador. Em nosso caso, a reunião de diversos documentos, incluindo as fontes constituídas por nós (as narrativas produzidas por meio das entrevistas) fizeram parte deste segundo gesto. O terceiro e último gesto visa transformar, e entendemos essa transformação como o processo de inventar o passado que não pode ser modificado por definição. Assim, as narrativas várias, combinadas com outras fontes diversas, nos permitiu criar uma história. Esse terceiro gesto exige do pesquisador várias ações combinadas que visou atribuir significados às fontes de forma a atender os objetivos propostos do trabalho.

Neste terceiro gesto, destaca-se mais fortemente um processo interpretativo, uma hermenêutica, uma forma de pensar sobre rastros do passado e torná-los presentes, dando-lhes sentido. Buscamos, por meio da construção de uma narrativa histórica, que envolve a dinâmica de juntar, sistematizar e organizar, um modo de compreender a dinamicidade de um processo de alterações e permanências e, deste modo, entender os momentos de caos e de estabilidade, de ruptura e estabilização que configuram nosso objeto de estudo.

Neste viés, juntamos todas as textualizações e demais fontes buscando identificar elementos das experiências dos nossos colaboradores que diziam respeito a algum movimento da HP, seja sobre o contexto sócio-histórico, seja sobre a parte formal das Licenciaturas Parceladas. Na verdade, essa identificação ocorreu

de modo natural nas várias visitas e revisitações a cada uma das textualizações, quando, usando canetas de cores diferentes, destacávamos elementos nas falas dos nossos colaboradores que nos permitiam falar sobre o contexto de constituição e de desenvolvimento, bem como, da estrutura do curso, da dinâmica, seus alunos, professores e coordenadores, os recursos materiais etc. Chamamos esses elementos de “disparadores”, por direcionarem uma discussão, uma compreensão, uma reinterpretação dos vários movimentos que compõem as Licenciaturas Parceladas em Mato Grosso do Sul, julgamos fundamentais na constituição desta trama.

Baseados na própria afirmação de Thompson (2011) de que a HP não se constitui por fases de análises estanques e lineares, explicitamos as nossas escolhas. Optamos iniciar pela análise sócio-histórica, pois a (re)leitura prévia desde a primeira textualização nos aguçava o desejo de conhecer aspectos do contexto para compreender o que levou à implantação deste modelo de formação naquele estado. Em seguida, sentimos a necessidade de nos debruçarmos sobre os discursos dos nossos colaboradores para conhecer, de modo geral, a estrutura interna dos cursos, constituindo assim a análise formal ou discursiva. Contudo, salientamos que estes movimentos, embora apresentados separados, foram constituídos ao mesmo tempo nas várias idas e vindas necessárias para que tivéssemos condições de traçar uma análise sobre as Licenciaturas Parceladas que habilitavam professores para ensinar Matemática no Mato Grosso do Sul. A interpretação e reinterpretação que, de modo geral, também acontece concomitantemente às leituras e (re)leituras das textualizações e das mais diversas fontes mobilizadas para a compreensão do nosso objeto em estudo, foi apresentada depois das duas primeiras <sup>13</sup> análises dos dois períodos, em uma tentativa de trazer algumas compreensões e percepções dos autores desta pesquisa sobre elementos que sentimos necessidade de reapresentar ou enfatizar.

Nesse sentido, o que segue é um trecho breve, composto pela fusão da HO com a HP e que nos permitiu dar sentido a criação das Licenciaturas Parceladas de Curta Duração em Ciências, que habilitavam professores para ensinar Matemática.

## **A criação das Licenciaturas Parceladas de Curta Duração em Ciências**

Antes de apresentar essa análise, é importante enfatizar que para dar sentido aos relatos de experiência, tomamos a análise assim como Garnica (2010):

[...] como um processo de atribuição de significação que permite com que eu, como ouvinte/leitor/apreciador do texto do outro, possa apropriar-me, de algum modo, desse texto numa trama interpretativa, tecendo a partir dele, significados que são meus – ainda que gerados de forma compartilhada – e posso incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro que a eles atribui significados, os incorpora, gerando seus textos que são ouvidos/lidos/ vistos (Garnica, 2010, p. 36).

---

<sup>13</sup> No relatório final do nosso trabalho, para apresentar o arremate das análises, optamos por apresentar a análise sócio-histórica e análise formal dos dois períodos e, posteriormente, apresentamos uma inspiração no que é definido por Thompson (2011) como interpretação e reinterpretação.

Nesse sentido, observamos que uma análise não é uma versão definitiva de um tema, mas sim “arrazoado das compreensões que conseguimos costurar nessa trama de escuta atenta ao que a nós foi dito” (Garnica, 2007, p. 61).

Por esse prisma, podemos dizer que, as transformações na sociedade, na busca incansável pelo desenvolvimento, tornaram possível, a partir das relações político-sociais, o surgimento de propostas educacionais, que criaram um novo espaço no qual modos de formação floresceram. A partir do ano de 1972, no sul do Mato Grosso, iniciou-se a proposta das Licenciaturas Parceladas de Curta Duração em Ciências, que se efetivou em 1973. Assim, institucionalizou-se uma formação aligeirada e generalista, por meio de um acordo entre a Secretaria Estadual de Educação e a UEMT, com a organização de cursos experimentais com métodos e períodos escolares próprios.

A tentativa do idealizador da proposta, Gilberto Luiz Alves, foi levar para as localidades distantes e de difícil acesso a formação superior, atendendo a um discurso amplamente difundido no contexto da época, que pretendia fixar o professor na região em que vinha trabalhando, sem que fosse preciso deslocar-se para grandes centros à procura de formação. Nosso colaborador, ao propor o projeto, afirma, em sua narrativa, que as Licenciaturas Parceladas seriam importantes para o desenvolvimento da educação no sul do estado, que carecia de professores habilitados. Projetava, assim, por meio dessas licenciaturas, um futuro coletivo melhor para o ensino básico do sul do Mato Grosso, unindo os Centros Pedagógicos aos polos das Parceladas e, em decorrência, toda a região em torno dos polos, com uma mesma finalidade: a diminuição de leigos atuantes no ensino básico e, conseqüentemente, a melhoria do ensino no sul do estado.

Em nossa interpretação, o próprio Gilberto Luiz Alves acreditava fielmente, à época, que esse curso seria a única forma de levar a formação para um público tão carente de oportunidades. A política é elemento visceral para o crescimento da educação no estado e instrumento por excelência da e para a propagação de ideologias: deve-se lembrar que aos filhos da elite sulista eram oferecidos cursos de Odontologia e Medicina. As Licenciaturas atenderiam os demais estudantes do sul do Estado.

Esta situação ocorre a partir da manipulação das massas, com promessas relativas à educação sul mato-grossense. Formar professores para atuar no estado era, de certo modo, uma forma de garantir mais apoio e mais eleitores, uma vez que o professor funcionava, de acordo com o professor Gilberto Luiz Alves, como cabo eleitoral, pois “precisava do dinheirinho dele no final do mês, não importa que ele não trabalhasse, não importa que ele nem soubesse ensinar, que ele fosse analfabeto: era o prêmio que ele recebia por apoiar o político local”.

Nesse quadro, parece não ser de interesse político cuidar efetivamente da situação dos professores leigos, já que sua profissão ou seus cargos eram moeda de troca. Esse fato é mencionado pelo professor Gilberto Luiz Alves a respeito das escolas da zona rural, quando ele observa que, no estado de Mato Grosso, sempre a oposição ganhava as eleições, ora era UDN, ora PSD ou PTB, e o ciclo se repetia.

Esse fato, a nosso ver, motivou o professor Gilberto a apoiar a formação dos professores leigos em regime especial, pois, nas palavras de Alves (1973)

[...] podemos constatar a permanência de valores altamente prejudiciais aos interesses do ensino. A ocorrência de recrutamento de pessoal com base nos interesses de grupos regionais detentores do poder insinua a existência de uma mentalidade imobilista nos mesmos, na medida em que a educação constitui-se, para eles, num mero suporte do sistema político tradicional (Alves, 1973, p.35).

Há, nessa situação transitória, histórica, de oferecer cursos de caráter emergencial, a reificação como *modus operandi* da ideologia, por meio da estratégia de naturalização. Afinal, a situação de carência e urgência é retratada como natural: não havia outra forma, naquele momento, de oferecer formação a esses professores que precisavam continuar lecionando no ensino básico. Atendia-se, ao mesmo tempo, ao chamado do Estado por um Brasil progressista, um Brasil Grande.

Interpretamos assim, que o contexto era carente de oportunidades. Os professores não concursados que lecionavam em escolas públicas, municipais ou estaduais, padeciam com a marginalização, destacada em uníssono nas falas dos colaboradores. Sofriam, principalmente, com os salários precários. Por esse ângulo, as estratégias de convencimento funcionavam muito bem, já que motivava o professor leigo a cursar a Licenciatura Parcelada, oportunidade que ele agarrava como única, visando a obter sua certificação final. E é nesse contexto, que são idealizadas e criadas as primeiras Licenciaturas Parceladas que habilitavam professores para ensinar Matemática.

## Considerações

Destacamos, nessa pesquisa, que esse movimento de imbricação de duas metodologias permitiu entender que há certos procedimentos teóricos que exigem reflexões do pesquisador e que possibilitam que haja outros procedimentos de pesquisa. Desse modo, “a metodologia é sempre um exercício, um fazer em trajetória e não uma mera e simples aplicação linearizada que permite passar por etapas em procedimentos mecanicamente implementados.” (Martins-Salandim, 2012, p. 51). Reforçamos ainda, que o caminhar da pesquisa e o amadurecimento científico do pesquisador, sempre fomenta discussões e permite a constituição do trabalho analítico, traçando um percurso metodológico particular de cada pesquisa.

Podemos dizer assim, depois de todas as considerações que tecemos sobre a HP como enfoque teórico- metodológico para auxiliar nossas análises, que a HP realiza, sem vantagens específicas ou inéditas, o mesmo papel que outras formas de análises, mais frequentemente mobilizadas e já legitimadas pelo grupo – como a análise narrativa (de narrativas) e análise por convergências e singularidades-, têm desempenhado nas pesquisas do Ghoem. Seria, desse modo, somente mais uma possibilidade dentre tantas existentes, um outro modo de fazer análise quando trabalhamos com a HO. Trata-se, porém, de um modo de aliar duas formas de análise- a HP e aquelas já exercitadas pelo grupo. Trata-se, assim, de um outro modo possível para encaminhar análises e por isso julgamos significativo esse nosso esforço de fundamentar essa possibilidade.

Reinterpretamos a iniciativa aceitando também o apelo de Bloch (2001) de que não devemos nos deixar hipnotizar por nossas próprias escolhas “a ponto de não mais conceber que uma outra, outrora, tenha sido possível” (Bloch, 2001, p.127).

O que talvez a HP tenha para colaborar com a análise a partir de depoimentos é que, por ser uma metodologia sistematizada, talvez ela permita uma abordagem mais sistematizada pois conduzida a partir dos seus movimentos analíticos, precisamente configurados – ainda que amplos e flexíveis. Desse modo, poderíamos afirmar que a HP nos oferece uma outra possibilidade de aprofundamento, de imersão detalhada nas condições contextuais do fenômeno. Logo, quanto mais pontes conseguirmos fazer, mais significativas tornam-se nossas interpretações.

## Referências

- ALVES, G. L. (1973). As Licenciaturas Parceladas de curta duração dentro de uma política de formação de recursos humanos. Coleção Cadernos. Corumbá, MT. n.1. p. 01-63.
- BARALDI, I. M. (2003). Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção. Tese de Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista – UNESP.
- BICUDO, M. A. V. (1993). A hermenêutica e o trabalho do professor de Matemática. Cadernos da Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisas Qualitativos, v. 3, n. 3, p. 61-94.
- BLOCH, M. (2001). Ofício de historiador (ou Apologia da História). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CURY, F. G. Uma história da formação de professores de Matemática e das Instituições formadoras do Estado de Tocantins. Tese de Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista – Unesp.
- DE CERTEAU, M. (2002). A Invenção do cotidiano. Artes de fazer, 7<sup>o</sup> Edição.
- GARNICA, A. V. M (2001). Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. Mimesis, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35-48.
- GARNICA, A. V. M. (2007). Manual de História Oral em Educação Matemática: outros usos, outros abusos. Anais SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, Guarapuava/ PR.
- GARNICA, A. V. M. (2010). Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ciências Humanas e Sociais em Revista, Rio de Janeiro, v. 32, n.2, p.29-42.
- GARNICA, A. V. M. (2014). Cartografias contemporâneas: mapear a formação de professores de matemática. In: GARNICA, A. V. M. (org.). Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. 1 ed. Curitiba: Appris. p. 39-66.
- GOLDENBERG, M. (2003). A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record.

GROSSI, Y. S.; FERREIRA, A. C.(2001) Razão da narrativa: significado e memória. *Historia oral*, p. 25-38.

MARTINS-SALANDIM, M. E. (2012). A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960. Tese de Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista – Unesp.

SOUZA, L. A. (2006). História oral e educação matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista– Unesp.

THOMPSON, J. B. (2001). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.